



ELIZABETH BISHOP: um breve itinerário entre sua vida e obra

José Ignacio Ribeiro Marinho¹, Eber Fernandes de Almeida Júnior², Elaine Teixeira Silva³, Giselda Maria Dutra Bandoli⁴, Laio Henrique de Oliveira⁵

¹Universidade Federal de Juiz de Fora/Letras/E-mail: josebrenatti@hotmail.com

²Universidade Federal Fluminense/Letras/E-mail: eber-jr@hotmail.com

³Universidade Federal de Minas Gerais/Letras/E-mail: elaine.ts@gmail.com

⁴Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro/Letras/E-mail: bandoli.giselda@gmail.com

⁵Universidade Federal de Juiz de Fora/Letras/E-mail: laioletras@gmail.com

Resumo: Teoricamente, por meio de revisão de literatura, de forma sintética, mas não empobrecedora, no presente estudo, trazemos à baila, como objetivo, um delineamento da vida e obra da escritora e pintora norte-americana Elizabeth Bishop, trazendo à luz alguns de seus feitos na tapeçaria literária, tornando-a tão consagrada no território brasileiro, assim como fora deste.

Palavras-chave: Elizabeth Bishop, literatura norte-americana, vida, obra.

1. Introdução

Errante desde a infância, Elizabeth Bishop figura escritora exemplar no que toca a sua produção fragmentada, deslocada, sensitiva, errante: uma poética marcada pelo trânsito da autora de norte a sul. Assim, o presente trabalho elabora pontos de uma biografia que apontam a vida exterior, que é insumo da matéria verbal, por onde a norte-americana se constitui enquanto poetisa de língua inglesa em terras brasileiras, mas não exclusivamente. Portanto, é exposto brevemente seu trajeto de leitura, escrita, laços familiares, bem como peculiaridades do modo como produziu sua obra situada geográfica e historicamente.

2. Elizabeth Bishop: uma rara flor norte-americana em meio à civilização e ao progresso brasileiros

Perguntei à erva: “Que fazes neste coração partido?” / Ela ergueu a cabeça molhada / (com meus próprios pensamentos?) / e disse: “Cresço, para partir teu coração outra vez.” (BISHOP, 2012, p. 105)



No território norte-americano, nasce, nas primeiras décadas do século XX (mais precisamente no dia 08 de fevereiro de 1911), no estado de Massachusetts, em Worcester, local próximo a Boston, uma figura notadamente singular, tanto por sua vida quanto por sua obra, a laureada escritora e pintora Elizabeth Bishop.

Leitora assídua de Carlos Drummond de Andrade, Emily Dickinson, Ezra Pound, João Cabral de Melo Neto, Mariane Moore – com esta e com a mãe desta, no decorrer da vida, trocara um número expressivo de correspondências –, dentre tantos outros (como Aristóфанes, Camões, Cervantes, Chaucer, Dante, Ésquilo, Eurípedes, Homero, Shakespeare e Virgílio), Bishop confecciona e dissemina uma tapeçaria literária que, subjetivamente, transita entre um universo de cores, culturas e errâncias, sendo, às vezes, praticamente despida de métricas formais – outrora, e muitas das vezes, seguindo, à risca, a tradição da língua inglesa.

O desenvolvimento artístico de Elizabeth Bishop se dará [...] no sentido de introduzir na descrição do mundo físico elementos que o tornam mais complexo: desde o início temos a presença da subjetividade; em seguida, são introduzidos os temas do tempo e da memória. (BISHOP, 2012, p. 20)

A priori, também consideramos importante apontar aqui que “O tema do eu partido [...] é uma constante na poesia de Bishop, em todos os seus momentos. Muitas vezes (mas nem sempre) ele aparece associado à questão do gênero e dos papéis sexuais” (BISHOP, 2012, p. 20). A fim de confeccionar e disseminar sua lírica, alimenta-se de suas experiências individuais – o que é natural, em princípio, em muitos escritores –, e, a partir desse material artístico-literário, propaga algo que vai muito além do autobiográfico e do pessoal.

Recorre, no início de sua carreira literária, a características prototípicas do Modernismo na Literatura Norte-Americana (recursos imagistas e surrealistas, impessoalidade, objetividade e reticência, *exempli gratia*). Contudo, com o amadurecimento na área literária, ultrapassa tais marcas, no decorrer de sua parca



produção poética¹.

A critério de exemplo, sua poética tende a pender, às vezes, para um lirismo pungente – entretanto, circunscrita na condição de escritora, não se pode dizer que Elizabeth se vangloriasse disso. Suas primeiras poesias vêm a público, no dia 26 de agosto de 1946, em *North and Soul*.

[...] Tenho mais um pedido. O senhor não acha que o título ficaria mais bonito com o símbolo “&”, *North & Soul?* Tenho a impressão de que fica mais forte assim. Seria bom se pudessem me mandar uma folha de rosto para eu examinar. Como o senhor vê, sou muito interessada em tipografia.

Tenho uma outra ideia que acho que o senhor vai aprovar. Temo que o fato de que nenhum destes poemas aborda a guerra diretamente, numa época em que se publica tanta poesia sobre a guerra, me exponha a críticas. Isto é apenas consequência de eu trabalhar muito devagar. Mas acho que ajudaria um pouco colocar uma nota explicando que a maioria dos poemas foram escritos, ou pelo menos iniciados, antes de 1941, no início do livro, logo depois dos agradecimentos, por exemplo. Vou enviar uma folha com os agradecimentos e esta nota para ver o que o senhor acha. [...] (GIROUX, R.; SILVA, C. E.; SALLES, J. M., 1995, p. 126)

Contudo, antes da publicação da obra supracitada, seus poemas já haviam sido publicados, em 1935, em uma antologia, *Trial balances* – tal antologia fora apresentada por Marianne Moore, sua amiga por toda a vida.

Elizabeth Bishop não se filia a nenhuma escola e não tem preferência especial por tema algum. É uma poeta sem preconceitos, que faz poesia sobre lugares, gente, animais e coisas, como ela própria faz questão de sublinhar. Há, na sua obra, lirismo, romantismo e realismo, tudo fundido em uma maneira muito própria de versejar. (MONTEIRO, 2013, p. 32)

Radicou-se, de 1952 a 1969, no Brasil (à época, conhecia duas americanas, Mary Morse e Pearl Kazin). Curiosamente, tal período foi o mais profícuo no que concerne à sua produção literária. Acerca de tal época, isto é, da chegada ao Brasil, Oliveira

¹ Acerca do adjetivo “parca”, ancoramo-nos na seguinte elucidação de Paulo Henriques Britto: “Essa exigência de funcionalidade plena de todos os elementos do poema explica por que era tão lento o processo de composição da autora, que por vezes levava anos para concluir um texto curto: como Bishop não partia de um repertório formal definido, a seleção dos recursos se dava aos poucos; metros, esquemas de rima, imagens eram sucessivamente testados e até descartados até que se chegasse a uma solução de tal organicidade que o efeito final fosse uma paradoxal aparência de facilidade. **O mesmo fato explica por que é tão reduzida a produção de uma poeta que se dedicou de modo praticamente exclusivo à arte** [grifos nossos], desde a juventude até a morte, aos 68 anos de idade” (BISHOP, 2012, p. 29).



(1995, p. 11) discorre que “Desde que seu livro *Norte & Sul* tinha sido publicado e bem recebido em 46, não tinha mais conseguido compor um número suficiente de poemas para um segundo livro”.

Vinda de regiões cinéreas e frias (portadora de problemas respiratórios, como a asma e a bronquite) e sendo criada em meio a *blueberries*, carvalhos, framboesas e neve, a paisagem carioca, a princípio, não pareceu amistosa à Elizabeth Bishop.

O panorama visto da cidade era lindíssimo. Mas a cidade era terrivelmente quente e, como dizer, desmazelada.
 Desde cedo a praia virava um vespeiro de banhistas. Homens morenos de calção jogavam bola de meia na rua o dia inteiro.
 Em vez de lhe distender os nervos, aquela gente transitando indolentemente pelas ruas do Leme produzia o efeito inverso, irritava-a. em compensação, o miolo de Copacabana era um burburinho, reforçava em Bishop a ideia de despropósito. Sentia-se tolhida e atabalhoada. (OLIVEIRA, 1995, p. 14)

Não à toa, na região serrana, na cidade das hortênsias (Petrópolis-RJ), ao lado da arquiteta Maria Carlota Costallat de Macedo Soares (Lota), fora morar em Samambaia, uma fazenda que se encontrava entre a exuberância contrastante de aromas e cores de acácias, avencas, bromélias, hortênsias, líquens, marias-sem-vergonha, musgos e quaresmeiras, do azul das serras e do verde das matas.

Com um espírito arguto e inteligente, Bishop demonstrava ter predileção pelo imagético, especialmente pelas cores.

Uma trilha levava até a cachoeira. Bishop lamentava não ter trazido a agenda. la arrolando mentalmente a variedade de cores que encontrava: **verde-escuro, verde-azulado, oliva, púrpura, ferrugem, amarelo, outro amarelo, vermelho sangue, branco-esverdeado** [grifos nossos]. Ouvia o trepidar oculto da cachoeira. (OLIVEIRA, 1995, p. 22)

Não só a botânica esteve presente, de forma constante, na tapeçaria literária da estadunidense, mas também a zoologia.

Outros animais flagrados por Bishop se insinuavam nos novos poemas gerados no estúdio. O tatu fugindo de um incêndio na mata causado por um balão. Os lagartos rodeando, acesos, a fêmea de rabo empinado. O maçarico correndo obcecado pela praia, atrás de alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa. **Bishop tinha paixão pela descrição** [grifos nossos] [...]. (OLIVEIRA, 1995, p. 82)



A fauna, a flora e a geografia locais serviam constantemente de matéria-prima para que Elizabeth pudesse escrever seus poemas. Ao espírito e aos olhos contemplativos da intelectual, nada escapava: “Março pincelou a mata de roxo. As quaresmeiras, que antes passavam despercebidas entre árvores mais esbeltas, desataram a florir, convertendo-se nas presenças mais marcantes da mata” (OLIVEIRA, 1995, p. 42). Além das hortas, jardins e pomares inerentes à idílica paisagem da Fazenda Samambaia, também se atentava à culinária brasileira, assim como a alimentos exóticos desta. “Estava incorporando paladares picantes à sua culinária. Fazia poesia na comida, inventava extravagâncias, como a geleia de jabuticaba. Como explicar aos Barker a voluptuosidade da jabuticaba?” (OLIVEIRA, 1995, p. 61). Elizabeth Bishop, de certa forma, tornou-se também devota das geleias (estas muito apreciadas pelo modernista Manuel Bandeira, um dos frequentadores de Samambaia) e quitutes, como biscoitos, o que lhe rendeu, afetuosamente, o apelido de *Cookie*, por Lota.

[...] Vou lhe mandar também, se for possível, alguns resultados de minhas tentativas de fazer geleia – com uma fruta muito exótica e linda, chamada jabuticaba, da qual se faz a melhor geleia do mundo, a meu ver. A Lota está plantando estas árvores por todo o terreno, com intenção de as explorar com fins comerciais no futuro. São lindas – as flores são de um verde amarelado, de bordas recortadas, cheirosíssimas, e cobrem os galhos por completo – não há ramos pequenos – e então as frutas brotam direto dos galhos, como se fossem milhares de cerejas grandes e pretas. (GIROUX, R.; SILVA, C. E.; SALLES, J. M., 1995, p. 250-251)

No Leme, por conseguinte, preparava coquetéis americanos a notáveis figuras da cena literária brasileira, com Rachel de Queiroz. Em Samambaia, recebia ilustres visitas, como Mário de Andrade e Robert Lowell.

As paisagens ecológicas de Samambaia e as tropicais do Rio de Janeiro não foram capazes de alimentar o espírito da poetisa. A escritora também se dedicou em retratar a topografia árcaica e barroca de Ouro Preto-MG. Sua predileção pelo território mineiro era tanta que acabara comprando uma casa de estilo colonial (Casa Mariana – alcunha dada por dois motivos: pelo fato de a casa ficar entre Mariana-Ouro Preto e em homenagem à amiga e escritora Marianne Moore), do século XVIII. “[...] Vibrava



com a vista, os abacateiros, as paredes tortas feitas de pau a pique, o desenho do telhado, o muro de pedra, coberto de musgo. Não fazia mal que a casa estivesse caindo aos pedaços [...]” (OLIVEIRA, 1995, p. 177).

Em síntese, ainda que a última fase do movimento modernista perdesse, à época, seu “fôlego”, enquanto escritora, Elizabeth Bishop conseguiu se circunscrever no cânone literário dos Estados Unidos da América.

Aos 06 de outubro de 1979, com sessenta e oito anos de idade, Elizabeth falece. Seus restos mortais encontram-se no *Hope Cemetery*, no local de nascimento da estadunidense, no estado de Massachusetts.

3. Conclusão

Elizabeth Bishop é uma poetisa moderna, e, como tal, acometeu-se da fragmentação do eu – na forma própria que lhe coube (sem escapatória?) vinda do centro do império capitalista até sua periferia em ambiências tropicais, no Brasil. A forma como errava, em busca de sentido e da forma adequada para expressar-se poeticamente, não conversa similarmente, mas apresenta nexos de uma voz transitante, cingida, parca. Com o presente trabalho, foi possível indicar e situar o entorno da poetisa norte-americana, que é um entorno da obra que legou à posteridade e que persiste enriquecendo-se a despeito da morte de sua progenitora.

Referências

BISHOP, E. **Poemas escolhidos de Elizabeth Bishop**: seleção, tradução e textos introdutórios de Paulo Henriques Britto. 1ª. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GIROUX, R.; SILVA, C. E.; SALLES, J. M. **Uma arte**: as cartas de Elizabeth Bishop. Tradução: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONTEIRO, G. **Conversas com Elizabeth Bishop**. Tradução: Rogério



Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

OLIVEIRA, C. L. **Flores raras e banalíssimas**: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.